

(RE)CONFIGURAÇÕES DA INTERACÇÃO NA SOCIEDADE EM REDE. UM ESTUDO DO IMPACTO DA COMUNICAÇÃO MEDIADA NA SOCIABILIDADE

INTRODUÇÃO

Empregando metodologias predominantemente intensivas e assumindo entre outras a herança dos rituais de interacção de Collins e a perspectiva dramática de Goffman, o nosso estudo propõe-se recolher elementos que permitam actualizar e enriquecer a teoria sociológica bem como interpretar os mecanismos das novas formas de coesão social tornadas possíveis pela generalização do uso dos instrumentos da comunicação mediada. Tomando as *affordances* sociais da tecnologia e os ritos e processos interactivos como nexo chave na compreensão de um impacto que não se chega a compreender pela sua avaliação parcelar, pretende-se ao invés analisar as formas pelas quais, **em mobilidade** (Urry, 2000), a **conectividade** permanente é integrada pelos indivíduos nos múltiplos papéis e domínios da sua identidade e vivência quotidianas, bem como na dinâmica das suas redes sociais. Articulado um triplo nível de análise – micro, meso e macro – recolher-se-á e comparar-se-á dados de vários contextos tipo (profissional, de estudo, de lazer e no espaço público), observando comportamentos tanto no espaço físico como os produtos no espaço virtual consequentemente gerados.

OBJECTIVOS

- ✓ Relacionar os usos da comunicação mediada pela tecnologia, conforme ocorre:
 - Nos múltiplos locais (espaços públicos e privados);
 - Em movimento (à medida que o indivíduo se desloca);
 - No seu carácter intermitente (interrupção e retoma);
 - Nas múltiplas esferas da vida em que é usada (papéis que o indivíduo encarna, e.g. estudar, trabalhar, lazer);
 - Nas múltiplas redes em que o indivíduo participa;
 - Nas suas características particulares;
 - Na forma como alterna com os encontros focados face a face;
 - Nos novos laços de sociabilidade que engendra e formas de reconfigurar a identidade em pedaços de informação autónomos distribuídos por diversos sistemas de presença virtual.
- ✓ Compreender a “agência dos objectos” enquanto parte das redes sociais e se as propostas da ANT de facto permitem superar a discussão sobre o determinismo tecnológico.
- ✓ Avaliar o lugar dos artefactos comunicativos na sociedade dos fluxos, tendo presente uma sociologia como traçar de associações e que os factos sociais não podem ser dados por adquiridos mas antes como produto de conexões e relações entre pessoas e “coisas”.

HIPÓTESES

- H.1 - A disponibilidade de tecnologias que permitem a conectividade permanente configura padrões específicos de relacionamento social.
- H.2 - A comunicação mediada tem rituais próprios passíveis de ser identificados. Estes rituais conformam formas de solidariedade social (Ling).
- H.3 - A “presença conectada” (Licoppe) não só substitui parcialmente a “presença social” como permite manter laços de solidariedade de um tipo novo e original.
- H.4 - As pessoas que mantêm poucos rituais de interacção presencial procuram compensá-lo aumentando o número de interacções mediadas.
- H.5 - A interacção mediada é predominantemente usada para reforçar laços pré-existentes, gerados em co-presença (ou não).
- H.6 - As tecnologias da informação tendem a gerar arquipélagos de comunicação (Morel) baseados na similitude mais do que na busca da experiência ou da diferença.
- H.7 - Quando se trata de *front stage* a informação fornecida pelos indivíduos na interacção à distância é manipulada e selectiva ao invés de ser íntima e honesta (Goffman).
- H.8 - As formas de comunicação mediada com uma componente síncrona mais forte e que permita maior coordenação rítmica devem produzir mais solidariedade (Collins).

MÉTODOS

- A - Nível Micro (correspondente à análise da interacção mediada interpessoal):** *Etnografia e Observação de campo; Escuta de Radioamadores; Entrevistas semi-estruturadas a uma amostra intencional de utilizadores tipo; Análise de Diários (dos entrevistados) registando as interacções (c/ suporte electrónico).*
- B - Nível Meso (relações sociais continuadas estendidas pelas TIC):** *Etnometodologia dos espaços virtuais das div.s comunidades (Hine, 2000, 2004, 2005); Análise de Conteúdo (pred. qualitativa) aos produtos colocados nos espaços virtuais (comentários, blogues, fotos, vídeos...) (Dicks, Coffey, & Mason, 2005); Questionário online uniforme (Markham & Baym, 2009), de vocação extensiva/quantitativa (aberto às populações-alvo em geral).*
- C- Nível Macro (Redes e Fluxos):** *Análise secundária comparativa de estatísticas e estudos quantitativos anteriormente feitos; Análise Bibliográfica.*

ALVOS

- Radioamadores.** Univ. de 6441 indivíduos. Permite diacronia (prática/permanência longa). Escuta fácil para *Conversation Analysis*, identificação subsequente de amostra para entrevista.
- Geocachers.** 17167. Análise da comunicação digital nos sítios/redes sociais em torno dos quais a comunidade se organiza. Obs. de encontros regulares, análise de práticas e relatos auto-produzidos em *logs*. Acompanhamento no terreno.
- Estudantes itinerantes.** 90. Acesso através do específico programa de enquadramento promovido pelo Min. da Educação desde 2005.
- Commuters Fertagus.** 85 mil deslocações diárias. Observação fácil. Menos fácil a abordagem para entrevista (natureza veloz da deslocação).
- Categoria profissional específica.** Cujas actividades implique deslocações constantes e consequente densidade de práticas comunicativas mediadas.

REFERÊNCIAS

Büscher, M., Urry, J., & Witchger, K. (2011). *Mobile methods*. Abingdon, Oxon ; New York, NY: Routledge.

Cardoso, G. (2006). *Os Media na Sociedade em Rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford ; New York: Oxford University Press.

Collins, R. (2011, January 25). Interaction Rituals and the New Electronic Media. Blogue recuperado de <http://sociological-eye.blogspot.com/2011/01/interaction-rituals-and-new-electronic.html>

Dicks, B., Coffey, A., & Mason, B. (2005). *Qualitative research and hypermedia : ethnography for the digital age*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Hine, C. (2000). *Virtual ethnography*. London ; Thousand Oaks, Calif.: SAGE.

Hutchby, I. (2001). *Conversation and technology : from the telephone to the Internet*. Cambridge, UK; Malden, MA: Polity Press.

Licoppe, C. (2004). 'Connected' presence: the emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape. *Environment and Planning D: Society and Space*, 22(1), 135-156

Ling, R. S. (2008). *New tech, new ties : how mobile communication is reshaping social cohesion*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Meyrowitz, J. (1985). *No sense of place : the impact of electronic media on social behavior*. New York: Oxford University Press.

Raento, M., Oulasvirta, A., & Eagle, N. (2009). Smartphones. An Emerging Tool for Social Scientists. *Sociological Methods & Research*, 37(3), 426-454. doi: 10.1177/0049124108330005

Turkle, S. (2011). *Alone together : why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Turner, J. H. (2010b). *Theoretical Principles of Sociology, Vol. II: Microdynamics*. New York: Springer.

Urry, J. (2000). *Sociology beyond societies : mobilities for the twenty-first century*. London: Routledge.

Wittel, A. (2001). Toward a Network Sociality. *Theory, Culture & Society*, 18(6), 51-76. doi: 10.1177/026327601018006003

